N.º 39 (161) — 4.º ANNO

Terça-feira, 8 de Agosto de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Vamos a isto que é uma pressa!

Se não aproveitarmos a occasião empregando a força, este burro é capaz d'entornar tudo e lá se vae o arranjinho!

Em terras de Conspiradores

—O «Zé» no intuito louvavel de servir os seus 12.000 leitores e de lhe proporcionar maneira de saberem como os conspiradores viviam, resolveu mandar a essas terras, um seu redactor, tanto mais que agora é que o perigo augmenta visto não estar lá Portugal inteiro como succedeu ha semanas.

De caminho para Orense, em cima d'um burro philosophico eu ia, contagiado por elle, philosophando nos ultimos acontecimentos. Sobretudo aquella questão do azeite que desandou em questão da Castanha vinha me ao espirito constantemente. Queria-me parecer que o caso não era para uma manifestação agressiva da forma da que se deu à porta do «palacio» das Côrtes e mesmo que havia ali esplorados na boa fé, que não ssbiam o que reclamavam. Queriam Bonança... com aquelle barulho todo! Nada; eu sou c smurro, mais casmurro ainda que o animal que tinha entre as pernas e que abanava a cabeça a enchotar as môscas. Alli andára exploração.

O sol a pino atravessava o meu palhinhas de 1000 réis do Grandella e não havia meio de chegar a terra alguma.

Uff! que calor. A's 3 horas encherguei 2 telhados entre o arvoredo. Que alegrão. Apeei-me e dirigi-me a uma mulher de meia idade que estava à porta d'uma d'essas casas.

—Como se chama isto aqui?

—Eu cá nan sei.

—Então a senhora não é d'aqui?

—Sou sim senhor. Mas vem ahi, o tio Jronimo que lhe sabe arresponder.

Com effeito um homensito de suissas e bigode rapado parou junto a mim.—Deus o salve—disse-me elle.

—Saude e republica—retorqui lhe.

—Ah! o senhor tambem é d'esses?

Percebi logo que era catholico e abreviei-me a perguntar-lhe pela catholica.

—Então como vae de saude? Rijo?

—Menos mal. O tempo deita nos abaixo...

Conversámos durante 10 minutos em assumptos de que não percebia. Eu em geral gosto mais de falar em coisas que não entendo pois que estou sempre d'accordo e o assumpto esgóta-se mais depressa. D'ahi a pouco abordei o que queria.

—E cá pela terra, ha muitos republicanos?

—Nan senhor. Cal! Cá são tudo travalhadores.

—Mas isso não tira. E' porque talvez nunca cá tivesse havido nenhum comicio?

—Esteve p'ra haver um, mas o sôr abbade disse que era preciso impedir de fazerem mal à horta do senhor...

—Mas, eu não tenho horta nenhuma...

—Não é do senhor; é do Senhor que está em toda a parte ao mesmo tempo. E depois nós agarrámos em fácas e paus e varremos os homens. Nunca mais cá voltaram.

—E o sr. Abbade o que faz!

—Faz-n'os muito bem. Olhe, agora anda elle a ver se arranja uma pensão que lhe dá o goberno, a elle e a todos os bons padres, para elles sustentarem a familia. Mas o goberno é mau. Dá-lhe uma bagatella e nós é que temos de sustentar os 10 filhos d'elle.

—O quê? 10 filhos!!

—Sim senhor. Elle diz que são filhos d'aldeia. Arranjou os para bem da terra e nós ficamos encarregados de os sustentar.

N'esta altura appareceu nos um petiz a chapinhar na valeta, com um dedo pelo nariz acima.

—Já vai á Escola inquirimos?

—O senhor, está mal enganado. Cá nós nunca mettemos vicios nos corpos dos rapazes. Eu não sei lêr e tenho vivido bem, saber lêr é um luxo, lá diz o sôr abbade.

—Bem—dissemos para liquidar o assumpto, já a pár do pensar do rude homem —d'aqui a Orense é muito longe?

—Nan senhor. Vai pr'aqui, sempre a derêto, vir á esquerda, toma á direta, passa um cruzero onde ha uma cruz e pregunta alli que logo le dizem.

—Obrigado—e esporeando o rocinante de Sancho puzemo-n'os a caminho da raia fartos de tanta raia dada pelo camponez.

* *

Entrei em Hespanha, vigiado e apalpado desde o nariz até à valvula despejatoria do «asinus». Passei uma terreola onde os sinos soavam. Não me admirei, porque eu sem ser sino tambem suava. O calor, o burro, o terreno arido, quasi sem vegetação puchavam me para as divagações novamente.

Agora foi sobre os conspiradores, e a minha ira caiu sobre o governo. Deixemonos de cousas. Nós poderiamos passar sem gastar aquelles continhos de réis da chamada das reservas se o Governo menos benevolente tivesse logo em outubro liquidado com elles. E ainda mais. Não acceitaram as propostas de Bazilio Telles em que se eliminava aquella meia duzia de imbecis conspiratorios, ficando-se-lhe com as propriedades. Não senhor. Nós fomos perseguidos e agora que vencemos podemos vingar nos mas como somos bons não exercemos represalias nem batemos nas bestinhas, antes pelo contrario, fazemos-lhes festas e pomo-nos á sua disposição. Resultado: Coice. Isto, meu amigo, dizia eu com o meu burro, em cheirando a Couceiro, Zás; é de familia.

A' tarde cheguei a Orense. Hospedei-me e descancei. Ao outro dia fui ver se encontrava algum conspirador. A uma esquina conversavam 2 typos de cidadãos de Tuy devidamente equipados. Dirigi-me para elles e inqueri:

—V. Ex.as dizem-me onde poderei encontrar um conspirador?

—Ixo é fáxel. Bá boxemexê áquella tasca e prógunte pelo Pim.

Agradeci e procurei o Pim. Era um typo magro alto, cara de pateta alegre.

—V. Ex.a é conspirador?

—P'ro servir. Mas olhe que ha de pagar bem.

—Não; eu só queria saber da trama...

—Isso é outra cousa. Eu lhe digo. O general, o D. Paiva, entrava com a vanguarda da columna pelo Norte, ia atacar Braga, e em seguida o Porto. O reverendo ex-de Beja ficava com o grosso da columna para metter pelas Beiras, e o sr. Mattos ia por baixo.

—E tudo isso abortou?

—Não senhor. O que succedeu, foi alguns cá do batalhão não estarem satisfeitos com o ordenado pois parecia que os chefes se abotoavam com a massa, e tingaram se. Depois o sr. General ainda não tem o armamento todo posto cá, e viamonos obrigados ao exercicio com paus de vassoura. Para fazer fogo é que era o diabo.

—E mesmo o armamento aprehendido devia fazer lhes falta?

Eram democratas os que o denunciaram?

—Não senhor. Eram republicanos.

—E você, tambem é monarchico «enragé?»

—Qual o que é preciso é ganhar a vida. Eu era empregado nas minas de S. Domingos e assim que soube cá da tramoia disse commigo: aquillo é que é uma mina.

Fiz as malas e abalei. Ganho 2$500 por dia, tenho gratificação no dia da invasão e o logar de administrador de Aljustrel garantido.

—Entretanto o que fazem os moços fidalgos que cá estão?

—Batem se com as hespanholas.

—E os reverendos alliciados?

—Batem se com a comida.

N'esta altura um harmonio harmonioso, perpassou em sons desconhecidos e pastoris o ar, e veiu despertar o meu entrevistado.

—Em resumo; o que é que o senhor ganha em conspirar?

—Já lhe disse, arre! Ganho 2$500 e o logar de Aljustrel. Ja cá tenho umas medidas... Mas fica para outra occasião.

O signal chama-me ao dever.

—E' o exercicio?

—E' o receber do pret. Até á vista.

Voltei ao hotel, e no dia seguinte tomando o burro outra vez, vim caminho fóra, deleitando-me com o pittoresco do nosso Minho. Foi o que aproveitei de todo o meu passeio ás terras de conspiradores; ás vezes chorava aquella massinha gasta com a chamada de reservas, mais prova de patriotismo de que necessidade de as pôr em serviço activo.

E' que com a força moral da força d'aquella gente não ha nada que temer. Por cada povoação em que passassem, os rudes camponios ir lhes-iam abrindo a cabeça para as refrescarem por dentro. E se se quizesse d'uma vez para sempre sanear o paiz d'essa horde era confiscar-lhe os bens que cá teem.

Viriam todos e nunca mais conspirariam. Ficariam em volta do grande General apenas aquelles que só teem dois deveres, como o bispo de Beja: obedecer à coroa real e cumprir como manda a coroa... aberta; ficariam com elle apenas os homens... de duas coroas.

FULANO de TAL.

VAMOS A ISTO?!

Porque é que o Governo não organisa uma tabella de preços para todos os generos alimenticios de fórma a não ser lesado o consumidor como actualmente succede?

Isto já se faz em Hespanha, e é em regimen monarchico.

Quem me avisa...

Podem os senhores lá do Governo estarem certos que ou os generos alimenticios barateiam, com especialidade o azeite ou então temos que assistir a muita... azeitada».

O governo portuguez
E' liberal consumado:
Prendeu e entregou á Hespanha
Um politico emigrado!

Quando é que o Povinho tem o bacalhau por preço que não constitua um manjar do rico, ó unbacas governamentaes?

Separação das egrejas do Estado

Dissemos ha pouco, que fallariamos do notavel trabalho de Eduardo de Abreu, o velho e lealissimo republicano, alheio a tricas, a idolatrias morando longe do bajulismo e dos sortilegios da politiquice reles que levou o paiz ao estado de morbidez em que se encontra.

Só hoje ousamos, e com que definição do sentimento, fallar do projecto de lei apresentado pelo erudito ornamento da jurisprudencia que de velhos tempos, d'esses tempos em que se ameaçava com fogueira ou forca, os que ousassem fallar de republica, elle vem pelejando pela redempção da patria, sem alarido, sem conquista de popularidade, sem hossanas de heroismos, mas com erudição e talento d'esse talento tão pouco vulgar na familia portugueza.

Não o conhece a multidão, essa multidão de que nos falla Gustavo le Bon porque, Eduardo d'Abreu, não é o Mirabeau arrebatador da ingenuidade e da inconsciencia, é o erudito sabedor, o grande revolucionario de gabinete e não do tablado onde, a taracha é tudo! Não o conhece porque a familia portugueza não lê, ignora quem são os seus privilegiados homens de saber humano; estamos n'um paiz onde o jornalista (salvo excepções) comprehende tão sublime sacerdocio por servir «cotteries», d'ellas fallar e d'ellas viver; a missão de jornalista em Portugal, não é a alevantada missão de educar e orientar, a missão de doutrinar, é a do idolatrismo, do engrandecimento do seu sóba e quem não commungar no seu credo, quem não ajoelhar ante o potentado senhor que é o orago da casa, já sabe que tem excommunhão perpetua e é um lançado á execração popular. Não precisa possuir vastissimos conhecimentos, conhecer o que dia a dia se passa além fronteiras no vastissimo campo do saber humano, não necessita viajar, educar se, basta que abanque á mesa do café a ouvir, a fazer ou desfazer tambem reputações de quem ás vezes nem de longe conhece!

Vergonhoso é confessal-o, mas é a dura verdade. E' um paiz, onde o artista (em grande numero) não estuda, não investiga o que o progresso caminha, nem ao menos lê toda a sua grande gloria se limita á mendicidade do favoritismo, do escriba que de motu proprio, consagra o a seu «bel talent» o artista unico, o artista incomparavel e assim é esta engrenagem que faz girar uma sociedade que necessita talvez mais rejuvenescimento que pão! E' bem simples a razão, porque na nossa terra a multidão não conhece os grandes litteratos, os poetas, os artistas,— os homens finalmente que são a alma do saber humano e os factores primordiaes do caminhar do progresso no campo da sciencia, das lettras e da arte! e bem simples porque é bem nimia a nossa cultura, males que de longe veem, e que a caminharmos tal como caminhamos, não tardará a que desappareçamos do atlas! Diz o erudito parlamentar no seu projecto de lei que o povo não conhece porque só o escandalo lhe deleita o espirito e lhe cubiça o prazer, mas, vamos transcrevel-o para que conheça o fundo da sua eloquencia e grandeza da verdade sem mantos diaphanos da phantasia:

«Uma cousa fere, á primeira vista, quem estuda e compara a legislação dos diversos paizes sobre as relações do Estado e das Egrejas, e é que todos elles procuraram sempre e sempre accomodar as theorias á realidade, fugindo a perigosas innovações, a ephemeras autorias e a precipitadas originalidades.

«A Republica Portugueza é pobre, e lucta com gravissimas difficuldades, principalmente de ordem colonial e financeira, quasi todas herdadas do extincto regimen, umas já conhecidas, outras a conhecer. E' dever de todos ver e saber encarar o perigo, que já basta, para as tão reduzidas forças e recursos do paiz. Para que pois avançar mais do que em tantas outras nações, ricas, poderosas, praticas, solidamente intellectuaes e progressivas?»

Aqui tens multidão, é esta a grande, a unica, a verdadeira linguagem que os laracheiros te deviam ensinar! A sciencia de governar povos, não é para todos nem todos são para ella, governar o povo, não é preparar o povo para derrubar um regimen! Eis o grande mal, o peior mal, que a tarde de 5 de outubro legou á patria portugueza!

(Continúa).

ARIEJNARAL.

Ora bolas, Ora bolas!

Ai senhores do Parlamento,
Ides bem nesse papel...
O povo já nem tem pel'
E' como um 'spantalho ao vento;
Anda tysico, espichado,
Como um burro escanzelado!
Magro! mais magro que Job!
Esticando á fome! á mingua!
E vós só...
E vós só a dar á lingua!

Elle vae abrindo os olhos
Nas trevas da «pilhareza»,
Vae conhecendo os escolhos
Que fomentam a pobreza;
O azeitinho, esse oleo ingrato
Nunca se põe mais barato!
Elle á fóme, e á fome os filhos,
E vós—ó democracia!—
Só á espera d'alguns milhos
D'alguns milhos cada dia!

Ora bolas meus sonhores
Que isto assim é o diacho!
Ora cebo, seus doutores,
Ora cebo do Camacho!
Não trateis só do bolsinho,
Olhae mais pelo Povinho,
Quando não perdem se as tolas
E Grita tudo a uma vez:
—Ora bolas
Ora bolas, p'ra vocês!

VIU-SE GRECO.

AFFONSO COSTA

Este nosso querido amigo, que felizmente se encontra restabelecido, foi alvo d'uma imponentissima manifestação de sympathia na 4.ª feira ultima, do Povo que alli foi com o intuito de protestar contra a conducta d'alguns ministros.

Mais uma vez se provou quanto o Povo aprecia a obra gigantesca do grande estadista, um dos que tem cumprido á risca no governo, o programma que defendia na opposição.

Ao Sr. Ministro do Interior

Somos bem pouco de epistolas pedintes, quando a justiça se impõe de braço dado com o Direito, não se implora—exige-se o pão a quem trabalha e a elle tem juz; ora, é exactamente o que hoje succede aos humildes obreiros do Estado que tão relevantes serviços prestam ao paiz e á instrucção, os amanuenses do já extinto commissariado de Instrucção Primaria que, ficaram e ainda prestam serviço nas varias inspecções distribuidas pelo paiz. Ninguem se lembra dos humildes, ninguem procura ao menos respeitar os seus direitos adquiridos por um honesto, por um zeloso e assiduo trabalho que, documentos dignos de apreço attestam sem duvida os relevantes serviços que estes humildes servos do Estado prestam, a juz d'uma codea dura para roerem! Não póde ser.

A justiça impõe-se, não podem nem devem ser preteridos, a elles e só a elles competem os logares que vagarem nas inspecções de circumscripção e não a professores. Cada qual em seu logar. Sr. Ministro do Interior, sabemos que se pretende nomear um padre ou um professor de Casa Branca, para um d'esses logares vagos, quando ha funccionarios habeis e conhecedores de todo o serviço que estão preteridos e n'uma situação dubia.

Ainda estamos em velhos e passados tempos? Fallaremos no proximo numero.

VAE OU RACHA

O' senhores do Governo, se querem acabar com as manifestações de protesto, resolvam a questão alimenticia e n'um prompto foi um ar que lhes deu.

EPITAPHIO

Aqui jaz Tasso Zarolho
Vate das odes modernas,
Rapaz formoso e gentil
Mas coxo d'ambas as pernas.
Falleceu no mez de Abril
Baixando ás penas eternas
Pois mesmo quem não tem pernas
Tambem estica o pernil!

Pobre d'elle

Ha quem se incommode deveras que o presidente ganhando pouco, venha depois a pedir uma coróa emprestada, ande no carro do Chora e coma fava rica.

Em vista d'isto «O Zé» vae abrir uma subscripção publica e organisar um bando precatorio, em favor do presidente que só vae ganhar dezoito contos, coitadinho!

Não ha fórma

O' meninos governamentaes olhem com «olhos de vêr» para a situação em que se encontra o pobre Zé e se elle atirar com a albarda ao ar qualquer dia, não lhe chamem thalassa. Vocês não teem juizo e depois queixem-se.

Corredores indifferentes mas que suam como... vêem!

Elles não querem, não querem, mas lá vão pedalando a vêr qual chega primeiro a esfolar a pelle do pobre Zé os 18:000$000 réis! O penacho e a massa são tão bonitos!...

Viseira carregada

III

Escrevemos estas linhas, horas depois de, com um breve encontro com o dr. Lopes de Oliveira, um dos nossos politicos de mais largas vistas, ouvirmos de s. ex.ª a impressão que o revolta e entristece, de que a maioria dos actuaes ministros convencida de ter attingido a intangibilidade enveredou pelo pessimo caminho do arbitrio, do capricho pessoal e do «posso, quero e mando».

Nao temos ainda base sufficiente para fazermos coro com a opinião expandida por s. ex.ª, mas manda tambem a nossa consciencia que digamos francamente que nada encontramos que oppor-lhe, antes alguma cousa de anormal nos impressiona desagradavelmente no momento critico que atravessamos e em que as palavras já auctorisadas do dr. Lopes de Oliveira nos trazem um não sei quê de desolador.

*

E' preciso dizer a verdade.

Pelos direitos pessoaes dos cidadãos o respeito tem sido muito pequeno mesmo quando já de ha muito deviam estar estabelecidas a normalidade completa e a verdadeira harmonia entre governantes e governados.

Os acontecimentos de 2 do corrente vistos na sua essencia não collocam nada bem o governo que ou é culpado de ter ligado importancia demasiada a uma manifestação sem força, o que não é a nossa opinião, ou peccou não lhe dispensando a attenção e a consideração que ella merecia e promptamente as justas ou injustas reclamações apresentadas, tendo em qualquer dos casos procedido levianamente fazendo intervir forças n'uma manifestação, que de arruaceira nada tinha, para fazer dispersar uns milhares de pessoas que o verbo prestigioso de qualquer dos membros do governo mais populares teria obrigado n'um momento a applaudir calorosamente quaesquer palavras de paz e de ordem, que eram certamente muito necessarias n'um movimento de tal ordem.

Porque de duas uma: ou ao Governo pezava na consciencia qualquer peccado e n'este caso era ainda tempo de prometter para cumprir quaesquer medidas que satisfizessem a opinião, que de facto não está satisfeita mormente com a questão dos generos alimenticios, ou o Governo tinha a plena consciencia de bem ter cumprido a sua missão e então vinha dizel-o ao Povo, a quem indicaria o caminho a seguir para a felicidade da Republica demonstrando-lhe que não tinha razão e que não a tendo estava prejudicando com as suas reclamações injustificadas o prestigio das novas instituições. Em qualquer dos casos o Povo ouviria palavras de conselho e de incitamento á ordem em vez de ser recebido por uma fórma que muito se assemelha áquella como eram recebidas as reclamações collectivas nos tempos que todos nós sabemos.

Quanto a nós que agora abstrahimos da com ou sem razão das reclamações apresentadas, e que já no numero passado nos referimos á questão da alimentação publica com palavras de censura, o que é inacceitavel é o precedente de serem recebidos hostilmente quaesquer grupos numerosos de populares que, com ordem, se apresentem, seja onde fôr, reclamando, pedindo, representando ou mesmo censurando.

E muito menos acceitamos o precedente da prisão «ad hoc» dos individuos que se suppõe terem incitado ou tomado parte na manifestação, com ou sem o velho rotulo monarchico de «cabeças de motim».

Precisamos, é certo, de muita ordem mas tambem nos é indispensavel já por coherencia já por mil outras razões, a maior consideração pelo Povo, cujos interesses se não tratam levianamente e cujas reclamações teem que merecer sempre pelo menos respeito e consideração. Indubitavelmente o Governo e a Constituinte teem rido um bocadinho da questão do azeite e de outras congeneres; não deve ser assim e mal anda quem assim procede, por muito nobres e patrioticas que sejam as suas intenções ou por muito visivel que seja a sua boa vontade de trabalhar com coherencia e com moralidade.

Lubrigamos pelo menos muita delonga e muita hesitação na solução de grandes problemas e eis porque, ante as palavras desoladoras do dr. Lopes d'Oliveira alguma coisa nos impressiona, já pela auctoridade de quem as proferiu e tanto esforço tem dedicado á causa republicana, já pelo estado de espirito de s. ex.ª que parece ter-se-nos communicado obrigando-nos a reflectir sobre o que atraz fica e sobre a marcha dos acontecimentos politicos da actualidade.

*

Mais uma nota triste:

Está approvada pela Constituinte, a existencia de uma Camara Alta, para «honra e gloria» da Democracia Portugueza e talvez até para ornamento das novas instituições, se é que para ornamento ainda póde vir a servir.

Está approvada e com o voto de quasi todos os deputados revolucionarios, que tinham obrigação de ser os mais radicaes e os mais meticulosos em questões que, como esta, veem imprimir caracter ao novo regimen e veem pezar fatalmente sobre a evolução politica da Nação Portugueza que tanto anceia pela Democracia tão pura quanto possivel. Ora pois!

Não se esqueçam

Vocês já sabem que o presidente vae ganhar muito poucas massas?

Quando o virem na rua deem-lhe dez réis para um quarto de pão.

Anda cá que te quero vêr

Com que então ha dias dez policias nem menos á porta da Federação Anarchista para prender os seus membros?

E a Federação do Porto fechada, hein?

Isto é que é Liberdade, rapaziada!

AO POSTIGO

VI

Por melhor que as contas deite,
Fallando franco não ha
Ministro algum que se ageite
Com o «toma lá dá cá»
Do tal problema do azeite!

Isto não é brincadeira,
Pode mesmo ser bernarda,
Pois inda na quarta feira
A fina «élite» azeiteira
Não fez azeite co'a guarda!...

Matute, senhor Camacho,
Antes que a «fita» se mude
E fuja por agua abaixo,
Dê voltas ao berbicacho!
Veja se escorre um almude!...

Matute, ministro, então
Basta uns calculos ligeiros!
Demais você, seu ratão,
De chapéu á pae Adão,
E' um d'estes azeiteiros!...

CHRONISTA.

SANTA EMPENHOCA

No Castello ouvimos exclamar a um pae, quando viu o filho livre do serviço militar: Ainda serviu a cartinha do anno passado!...

E' que «quem não tem padrinhos morre moiro» tanto na monarchia como na republica!

Quando é que o Zé tem azeite mais barato, ó caras direitas do Governo?

O monopolio da entrelinha

Trapaça em innumeros actos e immensos quadros—Musica da fallecida Companhia dos Ascensores e lettra muito miuda da Companhia dos Electricos e d'uma vereação thalassa.

Em 1906 a Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa (a que chamaremos simplesmente, Companhia dos Elevadores, para economisar papel, palavras, tinta, aparos, canetas e paciencia), começou a executar a musica d'esta magica peça.

Esta companhia enviou ao governo de então, uma representação em que se provava que o contrato dos electricos estava falsificado.

Isto foi uma bomba que estalou!

Os jornaes começaram a tratar do caso. O publico começou a interessar se, o que raras vezes acontece, principalmente quando o interesse é para si. Chegou até a nomear se uma Commissão, para tratar do caso.

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa (a que, para poupar varias cousas, chamaremos apenas, Companhia dos Electricos, quando não quizermos mimoseal-a com o amavel titulo de sympathico syndicato de Santo Amaro), essa ralava se pouco!

Tinha a consciencia da sua poderosa força, ante a qual os honradissimos ministros da monarchia se vergavam.

Estado dentro do estado não tinha medo de cousa alguma.

Estava feita com o regimen sabendo demais que ninguem se atreveria a mexer no rendoso contracto.

Na sua representação a Companhia dos Elevadores, coitadinha, julgando que seria ouvida n'este deserto onde só se ouve a voz dos poderosos, bradava e clamava, que o contracto estava falsificado, por ter entrelinhas não resalvadas, e que por isso o deviam annular, pois o Codigo Civil, fere de nullidade os documentos extra officiaes em que falta a resalva das emendas.

E dizia ella, a Companhia dos Elevadores, (que «deus» tenha em sua santa guarda e lhe desconte o grande peccado de se vender aos inglezes)—dizia ella, coitadita, na sua boa fé, na ingenua crença de que fallar-se a um governante, é fallar-se a gente que tenha ouvidos—«dizia ella» («dizemos nós» já por tres vezes, irra!) que o contracto não podia ficar assim, que devia ser rescindido, que aquelle monopolio era ilegal e se devia acabar com elle.

Chegava mesmo na sua representação a citar aquella linda passagem do Codigo Penal que offerece generosamente dois a cinco annos de moradia em palacio com guarda de honra, ou na alternativa de viagem gratuita sulcando os mares, «áquelle que accrescentar, mudar ou diminuir em alguma parte qualquer escriptura depois de concluida, de modo que se altere a substancia ou tensão d'ella, pela addição, diminuição ou mudança das disposições, obrigações ou desobrigações,» etc.

Mas a Camara Municipal não ligava nenhuma. Ella era de gesso, mas d'aquelle gesso com que os estados fabricam os seus homens, mudos ás miserias dos pequenos e cegos ás falcatruas dos grandes.

Só mais tarde é que se boliu nomeando uma commissão que mais veiu «enrascar» os monopolistas, declarando, depois de examinada a escriptura, «que effectivamente as phrases entrelinhadas ou licença e dentro do praso d'esta concessão não se encontram nas bases anteriores nem em outros quaesquer documentos officiaes.

A propria commissão que no seu relatorio tentava encobrir a trapaça, sabia-se com uma d'estas!

Até o sr. Carvalho Pessoa que tambem defendia os magicos concordava que, effectivamente, havia ilegalidades no contracto!

Mas a monarchia dava-se perfeitamente com as cousas ilegaes. O contracto estava falsificado e por isso annulado pela lei, mas não se lhe tocava.

Porque não se lhe mexe agora?!

Altos mysterios do Altissimo Frontão.

Silencio! Não causem difficuldades á consolidação do regimen...

VIÚ SE GREGO.

Isto é que é amor e paz!

O Zé d'Almeida quer que as creancinhas aprendam nos 1.º e 2.º graus primarios, noções de exercicio militar.

Que tal está o humanismo do dr., hein? Que tal está a esperança anarchista de que s. ex.ª fallava?

O melhor é mandal-os vir logo de Paris com a espingarda ao hombro...

Leiam meninos

Do «Republica» do dr. Zé:

«Ha novamente noticias de gréve de trabalhadores ruraes no alemtejo. Não fará isto parte do plano dos conspiradores?

Pois claro que faz, sr. doutor!

Estante cá da casa

Aos illustres autores, escriptores
Que sejam ou não sejam conhecidos,
Poetas, humoristas, prosadores,
Talentos pelas musas protegidos,

«O Zé» não regateia mil louvores,
«O Zé» não deixará nunca esquecidos,
Com tanto que lhe mandem seus lavores
Para nesta secção serem mettidos.

Por isso aqui se berra em escarceus,
Por isso aqui se grita em alto som,
Por isso aqui se clama aos altos ceus;

—Mandae-nos vossos livros d'alto dom,
Mas mandae-os de «borla» amigos meus,
Que a gente dirá logo:—E' muito bom!

«Collecão Theatral» de Arthur Rocha (Loreno) n.º 1, Agosto, 1911. Preço, trez vintenzinhos. 2.ª edição.

Não acredite o leitor no que acima se diz. Os poetas são uns lampaneiros. Aqui na prosa é que se fala verdade. Aquella coisa de se dizer que mandando o livro á «borliú» se diz logo que é bom, é devaneio poetico-escoveiro do autor do soneto, o mentiroso Viu-se Grego. A verdade nua e crua é esta sem manto diaphano de qualquer phantasia: A «Collecção Theatral» composta de monologos, cançonetas, canções, duetos tercetos, etc., é um achado para os amadores que gastando apenas trez vintenzinhos, adquirem sete ou oito variedades para theatro, de incontestavel exito, como por exemplo o engraçadissimo monologo—«Aplico-lhe a pastilha»—que vem neste numero.

A'lerta amadores

Quem quizer boas fitas, fresco, pequenas garridas não tem mais do que ir ao **Chiado-Terrasse.** Se gosta mais da baixa e musica boa, vai ao **Central.** Se é pacato, pacifico e gosta do socego, vai ao **Olympia.** Se se quer divertir com variedades vai ao **Foz.** Se mora para o Bairro Andrade ou para os Anjos vai ao **Salão dos Anjos** e se mora na rua da Palma vai até ao **Salão-Rocio** emquanto não lhe abre o **Paraizo** alli ao pé de casa. Em qualquer d'elles o leitor, amador da fita boa, escolhida a dedo, passa uma agradavel noite com a sua visinha do lado. Se quizer instruir-se, ou se gostar das fitas de interesse, de 2:000 metros de comprido que levam muito tempo a estender, então sobe ao **Salão-Trindade.**

SERÁ

O' sr. Camara Lima, que nome é o d'aquelle litterato de que nos falla no «Supplemento» que, descalçando as meias sujas as metteu na algibeira?

Será Camacho?

CLARO

Perguntava o sr. Silva Passos:

—Mas que democracia é esta?

E' a democracia da «trama».

Republica Portugueza

Governo Civil de Lisboa

Realisando-se actualmente em differentes theatros espectaculos por todos os motivos sensacionaes aviso por este jornal os habitantes d'esta cidade que vou mandar proceder a averiguações rigorosissimas e será severamente punido todo aquelle que não provar ter frequentado assiduamente os espectaculos ultimamente realisados na capital. Assim todos os cidadãos devem têr uma próva autentica de terem presenciado um, pelo menos, dos deslumbrantes espectaculos da companhia de oppereta do **Colyseu dos Recreios;** egualmente uma das representações da «Gente meuda» engraçada peça em scena no **Theatro da Trindade;** idem das que deliciam o publico frequentador do **Theatro da Natureza;** E' tambem conveniente apresentar a prova de terem assistido a uma sessão do **Chalet Julia Mendes** e **Chalet Avenida;** onde se apresentam as chistosas revistas «Saude e Bixas» e a «Sombra de Herodes» e egualmente as sessões do **Chalet Republica, Cine-Palais, Cine Paris, Salão Foz, Central, Chiado-Terrasse, Olympia, Salão Trindade, Theatro Infantil, Salão Loreto, Chantecler Chalet e Theatro das Variedades.** Estou certo que todo aquelle que fizer tenção de apenas uma vez gosar qualquer espectaculo dos atraz mencionados não mais deixará de os frequentar todas as noites de tal forma elles são recreativos, atrahentes e alegres. D'esta forma contribuir-se-ha para que lá fóra se saiba como vivemos em ordem e assim se manterá triumphante a nossa divisa:

ORDEM E TRABALHO

Governo Civil de Lisboa, aos 8 de Agosto de 1911.

O governador Civil —
Eusebio Leão

PELA COPIA
ZÉ PIMENTA.

Ora o dr. Zézinho

«A Republica» do dr. Zé chama espiritos desvairados aos manifestantes da semana passada porque assobiaram alguns mandantes e deram vivas ao dr. Affonso Costa.

Desvairados? Então o dr. Zé queria que fizessem aos outros o que mereceu o ministro da justiça?

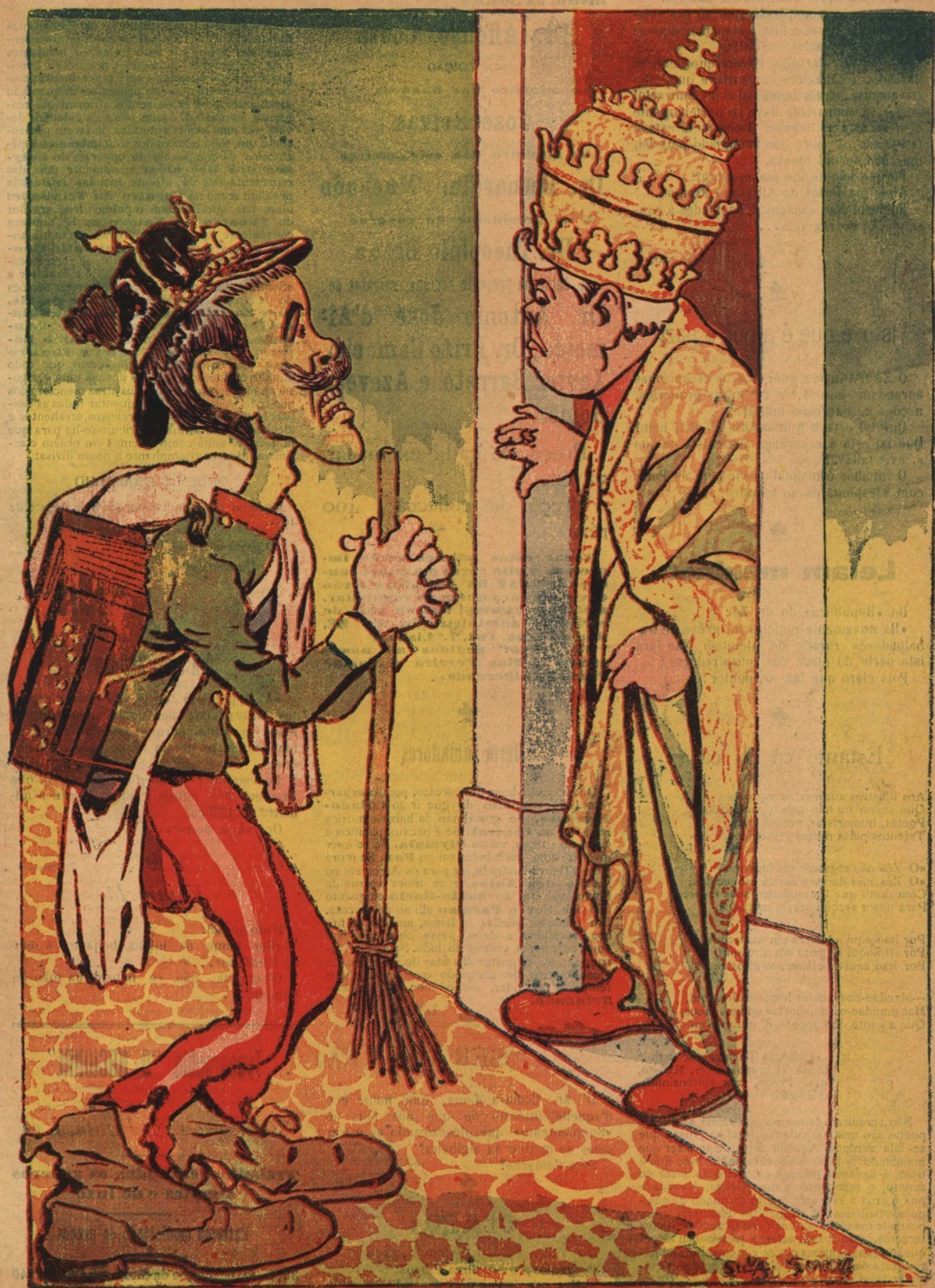
Ora vá se despir...

Vejam lá

D'um jornal:

«Em nome da infeliz, beijamos a mão ao bemfeitor...»

Olhem lá, não se babem na mão do homem!...

A ultima porta

O **grande valente** depois de gastar a massa dos papalvos recorre ao papa. Quem ficará papádo em tudo isto, não será o gajo?!